

Objeto transicional e objeto-fetiche: comparações e contraposições

Transitional object and fetish: comparisons and counterpoints

João Pedro Rodrigues Moreira Peçanha*

Resumo

O presente artigo tem como intenção explorar as possíveis relações de proximidade e de contraposição entre o objeto-fetiche e o objeto transicional partindo de bases freudianas, winnicottianas e da prevalência de cada um dos objetos nos registros originário e edipiano. O texto visa, a partir disso, examinar as particularidades de uso e a consolidação dos objetos em questão, suas vinculações aos eixos identificatórios, de imagem de si, ao campo relacional e à apreensão da realidade. Composto com esses pontos, o artigo localiza e analisa temas que atravessam ambos os objetos em questão, tais como a ilusão e a criação em suas particularidades, singularidades e diferentes nuances presentes em cada uma das questões objetais que trabalhamos.

Palavras-chave: Fetichismo. Objeto-fetiche. Objeto transicional. Winnicott.

Abstract

This article explores the possible relations of nearness and the counterpoints between the fetish object and the transitional object. To do so, we based ourselves on Freud and also on Winnicott's contributions to explore the prevalence of each of these objects at the original period and at the Oedipus complex as registers of life. The text aims, from this, to examine some particular characteristics of the use of those objects, their consolidation and their links to the identification axes, self-image construction as well as the relation and apprehension of reality and its relational aspects. Putting it all together, the present text localizes and examines the themes that pass through both fetish and transitional object, such as the notions of illusion and creation in their similarities, singularities and different nuances in each the object issues we work on here.

Keywords: Fetishism. Fetish. Transitional object. Winnicott.

* Psicanalista. Membro Associado em Formação do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Psicólogo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGTP-UFRJ). Cursando Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. joapedrormp96@gmail.com

Introdução

Na história da teoria psicanalítica, objeto-fetiche e objeto transicional aparecem como questões específicas relativas à questão de objeto de maneira muito significativa, sendo até hoje alvo de comentários, tema de publicações e de estudo. Nosso interesse no tema do objeto transicional em contraposição ao objeto-fetiche repousa em algumas interrogações levantadas durante a leitura de Winnicott (1971/1975) e em propostas de Greenacre (1969), a qual deu continuidade a esta temática enquanto Winnicott deslocava seu foco para os fenômenos transicionais. Partimos de uma base freudiana e da perspectiva winnicottiana de uso objetual para a abertura de questões relativas ao registro originário da vida psíquica e relacional. Essa linha nos é especialmente importante devido ao foco dado ao objeto-fetiche e ao fetichismo enquanto fenômeno e objeto atinentes ao registro edipiano e indissociado do complexo de castração. Quanto a isso, nos perguntamos: se a elaboração, a produção de sentidos e os processos psíquicos se dão em um *a posteriori*, qual é o papel e quais são as coordenadas da base originária da vida psíquica que serão transformadas durante e após a passagem pelos complexos de Édipo e de castração? Com isso, somos movidos pelas influências e implicações diretas do registro originário na problemática do objeto-fetiche e pelo objeto transicional como figura de suporte e contraste que participa universalmente do momento arcaico da constituição subjetiva.

Procuramos, neste artigo, trabalhar o objeto transicional em seu aspecto de criação, ilusão e, principalmente, no que tange ao seu uso. A questão do uso do objeto é, para nós, um bom ângulo de desenvolvimento, pois ilumina de maneira ímpar o campo do fetichismo, o objeto-fetiche, os fenômenos transicionais e seu objeto. Mesmo que de naturezas – levando em conta o histórico de produções psicanalíticas sobre o fetichismo – e formas de uso diferentes, é possível traçar algumas semelhanças entre os objetos em questão, mas principalmente suas diferenças. Destacamos, partindo da origem de cada um dos objetos, a implicação que cada um deles tem no decorrer dos registros da subjetivação, como uma forma de contrapô-los e explorá-los. Como parte importante dessa contraposição – o objetivo principal deste artigo –, delimitamos ambos os objetos pelas linhas dos processos identificatórios, da relação com a realidade e, em especial, em como participam da consolidação da imagem corporal – aqui tornada uma problemática.

O objeto-fetiche: considerações de Freud a pós-freudianos

Para a elaboração do presente tópico, decidimos realizar um recorte do fetichismo na obra de Freud e tecer alguns comentários a partir de autores pós-freudianos em que nos baseamos, pois não cabe, no presente trabalho, detalharmos excessiva e extensamente este assunto. O fetichismo é apresentado por Freud enquanto desvio no tocante ao objeto sexual e relativo à meta sexual, denominando-o como um “substituto inapropriado do objeto sexual – fetichismo”, e inscrito no campo das perversões (FREUD, 1905/2016).

A argumentação freudiana em questão – que não se encerra nos *Três ensaios...* – versa sobre a perversão sexual como uma fixação na pré-genitalidade e seu modo de satisfação autoerótica, tal qual um infantilismo que se manteria na vida adulta. Apesar disso, defendemos, acompanhando outros autores, que na perversão sexual – fetichista ou não – não é a fixação que está em jogo como mecanismo único, mas sim uma regressão ao caráter autoerótico da sexualidade que, após sua ação, retorna a pontos autoeróticos que permaneceram como restos e, por conseguinte, fixaram pontos (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1991; MCDUGALL, 1989). Logo, no âmbito das pulsões parciais, a ideia de *fixação*, apresentada por Freud (1905/2016) para fundamentar a etiologia das perversões à época dos *Três ensaios...*, não se sustenta em si mesma em termos epistemológicos, metapsicológicos e clínicos, seguindo o intento do próprio Freud – que acabou levando outros elementos em consideração – para o fenômeno da sexualidade perversa. Visto isso, a adição do caráter regressivo ao autoerotismo nos parece mais adequada.

No texto de 1905, Freud dá mais ênfase ao objeto-fetice do que ao fetichismo, e em grau ainda menor ao sujeito fetichista. Segundo Freud (1905/2016), o objeto sexual normal é substituído por um objeto que guarda íntima relação com este, mas que é inapropriado para servir à meta sexual normal, ou seja, à união dos genitais. Aqui o fetiche já aparenta portar certa tonalidade de criação, visto que o objeto sexual normal é substituído por um outro cujas funções e utilidades iniciais nada têm a ver com um conteúdo sexual. Desta forma, o objeto fetichizado, deslocado de sua função primeira, passa a ter e poder exercer outra utilidade para o sujeito – agora sexual – e ganha outra significação, também sexual e determinada no e pelo inconsciente. O objeto deve ser inapropriado para fins sexuais, podendo se materializar como uma parte do corpo ou um objeto inanimado, mas que independente de qualquer coisa encontraria relação com o objeto substituído e a sexualidade deste em um encadeamento relativo aos processos psíquicos inconscientes.

Freud (1905/2016) considera que dentro desse escopo, o objeto-fetiche depende de que nele haja um fator de *superestimação sexual*, um mecanismo psicologicamente necessário para que ele consista enquanto tal. Dando prosseguimento ao enodamento entre o fetiche e a idealização – sinônimo da *superestimação sexual* –, Freud comenta que um “(...) certo grau de fetichismo costuma ser próprio do amor normal (...)”, deixando manifesto que o fenômeno comparece em momentos relativos à idealização do objeto e fomentando uma abertura de espaço para um conteúdo latente no fetichismo, a saber, o encanto.

A superestimação sexual seria uma precondição para o fetiche assim como algumas qualidades relativas, por exemplo, à forma, ao nível psíquico e sensorial do objeto e, como salienta Freud, a uma procedência relativa aos objetos primordiais de um determinado sujeito fetichista, sublinhando a importância das primeiras impressões sexuais (FREUD, 1905/2016). Assoun (1995) afirma que no âmago da experiência pulsional, o fetichismo mobiliza uma problemática de dimensão *psicossensorial*, isto é, a relação com o objeto-fetiche compreende, além da realidade psíquica e seus processos, os sentidos, principalmente o olfato e a visão – em especial no que têm de composição no mundo interno.

Realizando um salto de vinte anos em nosso enfoque, acompanharemos alguns dos textos mais importantes para a questão do fetichismo e do objeto-fetiche em Freud. Trata-se do texto paradigmático da perversão sexual, *O fetichismo* (1927) e do para sempre inacabado e misterioso *A cisão do eu no processo de defesa* (1940[1938]). Freud alerta o leitor que talvez ele se decepcione caso afirme que o fetiche é o substituto de um pênis qualquer; porém, não se trata disso exatamente, “mas de um especial, bem determinado, que nos primeiros anos infantis tem grande importância, porém é perdido depois. Isto é: normalmente seria abandonado, mas o fetiche se destina exatamente a preservá-lo” (FREUD, 1927/2014a, p. 304). Repetindo as palavras de Freud (1927/2014a, p. 304) e colocando de maneira mais clara, “(...) o fetiche é o substituto para o falo da mulher (da mãe), no qual o menino acreditou e ao qual – sabemos o porquê – não deseja renunciar”. Aqui, lidamos com a *renegação*¹ (*Verleugnung*) como mecanismo psíquico paradigmático do fetichismo e da perversão sexual.

¹ Optamos por traduzir *Verleugnung* por “Renegação” devido ao seu caráter mais incisivo, taxativo e de mais de um tempo de ação. Entendemos que outras traduções, como “Recusa”, “Desautorização” e “Desmentido”, além de não produzirem o mesmo efeito semântico e intrapsíquico, podem causar confusão com outros conceitos dentro da teoria psicanalítica. Apesar disso, a tradução da obra freudiana que usamos como referência traduz *Verleugnung* como “Recusa”.

Diante de uma dada percepção – de que a mãe/mulher não tem pênis –, o menino recusaria tomar conhecimento dela, pois, como atestam a teoria e a crença no monismo sexual fálico, se a mulher é castrada, o membro do menino também corre perigo. Situado diante de uma ameaça contra o seu próprio narcisismo, o sujeito entra em pânico da mesma forma quando ouve o grito de que o trono e o altar estão ameaçados (FREUD, 1927/2014a). “Trono” e “Altar”: seriam indícios de um destronamento narcísico do absolutismo monárquico de “Sua majestade, O bebê”?

Freud afirma que a percepção se mantém e que uma ação enérgica foi realizada para sustentar a renegação. O enunciado prevê, então, uma processualidade no mecanismo em questão, que funciona como se fosse necessário recusar a percepção mais de uma vez. Que um complexo representativo que teria sido afetado pela percepção da mulher sem pênis é da ordem de uma crença. É lícito afirmar, acompanhando Freud, que a criança “Conservou esta crença, mas também a abandonou; no conflito entre o peso da percepção indesejada e a força do desejo contrário chegou a um compromisso, o que é possível apenas sob a direção das leis do pensamento inconsciente – dos processos primários” (FREUD, 1927/2014a, p. 305). Vejamos o seguinte: havendo formação de compromisso, podemos afirmar que um recalcamto, mesmo que parcial, estaria presente no processo descrito por Freud; conserva-se e abandona-se a crença, ou seja, mantêm-se duas posições conflitantes sem que elas se anulem, o que só é possível graças à ausência de contradição do inconsciente (FREUD, 1915/2010) e, sendo assim, também teríamos elementos formadores como o deslocamento e a condensação operando.

Se encontra, aqui, uma questão relativa à crença e, logo, como queremos defender, há um aspecto próprio da noção psicanalítica de ilusão. É como se o sujeito fetichista oscilasse, no campo da crença, entre *crer-ser* verdade (a diferença dos sexos), *crer-não-ser* verdade, tendo o fetiche como elemento que contradiz o saber, alegando o contrário; posição indisposta entre renegação e reconhecimento (SCHLACHTER; BEIVIDAS, 2010). Como outrora afirmou Octave Mannoni (1969), “eu sei, mas mesmo assim” (*“je sais bien, mais quand même”*).

O fetichista se posicionaria desta maneira pois, em sua crença, julga ter resolvido o enigma do sexual, achando-se o portador da verdade sobre o sexo. Pura ilusão! Porém, uma ilusão que deve ser mantida firme por uma “ação enérgica” para que a crença que a sustenta não se desfaça, dado o horizonte de horror e pânico da castração que se avizinharia. O substituto, o herdeiro do pênis materno, figura como um monumento erguido pelo e contra o horror à

castração: *stigma indelebile* que subsiste como triunfo ante a castração, atestando e mascarando sua existência e servindo como proteção contra ela a um só tempo (FREUD, 1927/2014a). Por “estigma indelével” podemos interpretar que há algo da ordem do traumático na cena figurada pelo objeto-fetiche, pois “(...) parece antes obedecer a um processo que lembra a detenção da memória na amnésia traumática. De modo semelhante, o interesse como que se detém no caminho, a última impressão antes do que foi traumático, inquietante, seria conservada como fetiche” (FREUD, 1927/2014a, p. 307).

Dito isso e para concluir nossas contribuições freudianas acerca do objeto-fetiche e do fetichismo, chegamos ao artigo *A cisão do eu no processo de defesa* (1940[1938]), texto incompleto e para sempre enigmático da contribuição de Freud. A clivagem do ego aparece, neste momento da obra freudiana, como uma continuidade do artigo sobre o fetichismo, visto o intervalo de tempo entre os artigos e as menções diretas ao fetichismo no texto. Sobre o assunto, Freud analisa o fetichismo não apenas pela via da castração e do complexo de Édipo, mas através do nível narcísico e intrapsíquico em que uma força e a exigência pulsional se fazem presentes, acostumadas a serem satisfeitas, até que o sujeito tenha que se decidir pela experiência intolerável da ameaça de castração ou pela continuidade da fruição da satisfação pulsional (FREUD, 1940[1938]/2018). Tendo que decidir entre os dois, segundo Freud (1940[1938]/2018, p. 346), “(...) ou reconhece o perigo real, curva-se diante dele e renuncia à satisfação instintual, ou recusa a realidade, querendo crer que não há razão para temor, a fim de poder prosseguir com a satisfação”.

A realidade se impõe perante a exigência pulsional ou é objetada pelo sujeito; porém, este não realiza ação alguma diante dessas duas coisas, ou melhor, “faz ambas simultaneamente, o que resulta no mesmo. Responde ao conflito com duas reações opostas (...). Por um lado, rejeita a realidade, com o auxílio de determinados mecanismos, e não aceita nenhuma proibição; por outro lado, reconhece o perigo da realidade, admite a angústia diante dele (...)” (FREUD, 1940[1938]/2018, p. 346-347), e procura reagir defensivamente a fim de se proteger. Tal procedimento, nas palavras de Freud, se configura como uma “solução engenhosa”, mas não sem cobrar seu quinhão.

Para que a satisfação pulsional seja mantida, seria necessário prestar tributo à imposição da realidade. Todavia, “(...) sabemos que tudo tem seu preço, que apenas a morte vem de graça. O êxito foi alcançado à custa de uma *fissura* no Eu que não se curará jamais, e que aumentará com o tempo” (FREUD, 1940[1938]/2018, p. 347, grifo nosso). Mesmo que as duas reações coexistam, elas não são destruídas, pois o inconsciente é indestrutível, restando então

como núcleo de uma clivagem no Eu. Em se tratando do fetichismo e da clivagem, o sujeito “(...) *criou* para si um substituto do pênis de que sentia falta na mulher, ou seja, um fetiche” (FREUD, 1940[1938]/2018, p. 348), salvando, com isso, seu próprio pênis e sustentando o imaginário da mulher fálica.

Repetindo Freud (1927/2014a), o fetiche subsiste ao mesmo tempo como triunfo e reconhecimento da ameaça de castração. Erigido enquanto tal, o objeto-fetiche, calcado na regressão sádico-anal, possuiria algumas características particulares que, assim como em relação à castração, anunciam e escondem sua origem excrementícia. O caractere anal do fetiche surge como uma possibilidade de fazer frente à referência genital paterna e à ausência de pênis na mulher/mãe; contudo, do outro lado da face de Janus se encontra um componente narcísico, e este deve brilhar e refletir um ego luminoso e bem lustrado para mascarar a analidade que o compõe. Portanto, o objeto-fetiche seria uma forma de objeto anal, objeto que acabou de deixar o domínio da regressão narcísica, e que carrega ao mesmo tempo os elementos destes dois mundos, denunciando sua analidade e expressando um componente narcísico triunfante (GRUNBERGER, 1976). Sobre isso, Chasseguet-Smirgel (1991) defende a ideia de um “pênis-fecal” que mesmo etiquetado com um “*Made in autoerotismo*”, precisa ser adornado a ponto de brilhar, fazendo com que seu brilho impossibilite a mirada de seu elemento sádico-anal, verdadeiro tampão de olho contra as falhas narcísico-identitárias.

A salvaguarda narcísica, operada através da renegação de um dado perceptivo e seu corolário, a clivagem do ego, não chega a formar uma psicose, pois a realidade foi reconhecida e ao mesmo tempo não o foi ancorando o mecanismo da *Verleugnung* e a clivagem, apesar de tudo, em uma franca consideração da realidade. Portanto, não se trata de uma genuína alucinação do pênis ali onde ele não estava, mas sim de um deslocamento considerável não apenas de objeto, mas de valor que transfira a importância do pênis para um objeto parcial, com o auxílio da *regressão*, em seu astucioso tratamento da realidade.

Ilude-me ou devoro-te

A problemática do tratamento da realidade na perversão guarda íntima relação com o tema e a noção de ilusão, trabalhados por Freud em *O futuro de uma ilusão* (1927). Apesar de a noção psicanalítica de ilusão ter tido seu ápice no texto, Claudia Amorim Garcia (2007) nota indícios da noção que podem ser

rastreados no que há de latente na obra de Freud já em *Interpretação dos sonhos* (1900), isto porque a noção comporta, em sua radicalidade, a questão da realização do desejo e a incontestabilidade da realidade psíquica.

Não seria possível contrapor a ilusão à verdade, à mentira ou ao erro como que para colocá-la em um exame que a comprove ou não partindo da realidade externa (FREUD, 1927/2014b). A realização de desejo, raiz da noção de ilusão, cresce seus ramos e folhas na direção de outros propósitos que guardam relação com seu gérmen. Com isso queremos dizer que se o sonho enquanto realização de desejo é o guardião do sono, a mesma realização, a partir de *Introdução ao narcisismo* (1914), serviria, na discussão da formação dos ideais, como uma recuperação do narcisismo perdido na infância, ou seja, do narcisismo primário e de sua ilusão de onipotência e perfeição (FREUD, 1914/2010).

A realização de desejo comporta um projeto de recuperação mítica da completude narcísica que seria, a um só tempo, uma manobra contra o estado de desamparo e dependência absoluta que ameaçam o universo narcísico (GARCIA, 2007). Em certa continuidade com essa proposição, encontra-se, em *Além do princípio do prazer*, nas palavras de Garcia (2007), uma espécie de "ilusão benévola" e que em seu interior residiria uma "pulsão para a perfeição". De alguma forma, certos indivíduos, como aponta Freud (1920/2010) teriam um incansável ímpeto à perfeição enquanto uma forma de não reconhecer a ordem pulsional e seu movimento implacável; ímpeto que "(...) pode ser entendido como consequência da repressão instintual em que se baseia o que há de mais precioso na cultura humana. O instinto reprimido jamais desiste de lutar por sua completa satisfação, que consistiria na repetição de uma vivência primária de satisfação" (FREUD, 1920/2010, p. 210). O que está em jogo aqui é a expressão de um desejo contra a finitude, o desamparo estrutural, a pulsão de morte e a ruína narcísica, elementos que baseiam os sentimentos que impulsionam o sujeito à formação de laços sociais e afetivos na construção da civilização, da cultura, de seus feitos artísticos, tecnológicos e ideológicos. Estes elementos serão centrais para fundamentar a argumentação freudiana em *O futuro de uma ilusão* (1927).

No artigo sobre a ilusão, Freud empreende uma argumentação que centra a ilusão como o *locus* da formação cultural. Escrito de forma crítica, o monólogo de Freud desenvolve a ilusão no contexto da religiosidade – especialmente a monoteísta – para expor que, em seu âmago, haveria uma tentativa de negar o desamparo e solapar o peso da vida enquanto transitória, efêmera e finita. No seio do texto em questão, temos que: "são ilusões, realizações dos mais antigos, mais fortes e prementes desejos da humanidade; o segredo de sua

força é a força desses desejos.” (FREUD, 1927/2014b, p. 266). Como já pontuamos no início deste tópico, uma ilusão não é um erro e, como coloca Freud, a ilusão não entra em contradição com a realidade, como em seu exemplo do delírio: “Desse modo, chamamos uma crença de ilusão quando em sua motivação prevalece a realização de desejo, e nisso não consideramos seus laços com a realidade, assim como a própria ilusão dispensa comprovação” (FREUD, 1927/2014b, p. 268). Em outras palavras, em uma das definições de crença em Freud, para que esta se constitua e permaneça como ilusão, é necessária a prevalência do desejo em sua força e realização.

Puxando o fio da crença e da ilusão, temos, nas perversões sexuais, a presença do monismo sexual fálico, teoria das pesquisas sexuais infantis, como norteador da renegação da castração. A teoria sexual infantil do monismo sexual é a primeira das pesquisas sexuais infantis, e consiste na atribuição de um pênis a todas as pessoas, inclusive às mulheres, sendo impossível, para o menino, a partir de sua observação, imaginar um ser que não tenha um pênis, e daí o seu valor monista e de primado fálico (FREUD, 1908/2015). É sobre esta crença e seu contraponto, a percepção de que a mãe/mulher não tem um pênis, que incide a renegação, pois seu contrário, a asserção da castração, levaria ao confronto com a insuportável ferida narcísica da falta e a derrelição que a acompanha.

De acordo com Bleichmar (1987, p. 35) “O pênis é, então, uma presença que se define em relação a uma ausência possível e uma ausência que se torna possível em relação a uma presença suposta”. Com isso, nos encontramos em um registro psicoperceptual onde o que importa são categorias básicas de espaço e tempo, categorias *a priori* do conhecimento – como se vê na filosofia kantiana – e que serão responsáveis por compor noções como ausência/presença (FERRAZ, 2010). Ou seja, a situação em questão incide sobre elementos extremamente elementares da subjetivação.

No interior da crença no monismo sexual fálico encontramos

(...) uma primeira recusa que visa a preservar a mãe como instância suprema, a fim de salvaguardar o mito de uma onipotência do desejo (...). É a crença na onipresença do atributo fálico (...) que, anteriormente à castração em sentido estrito, preserva o mito narcísico de uma onipotência que encontra seu ponto de referência na mãe (AULAGNIER-SPAIRANI, 1967/2003, p. 49).

Siderado nessa contenda para manter seu narcisismo intacto, o desejo de que as mulheres tenham um pênis sobrepuja a mulher castrada, afirmando de

maneira inconsciente o seu contrário. Logo, "A presença de uma crença implicaria a renegação de outra" (BLEICHMAR, 1987, p. 76) e a crença do monismo sexual fálico é posta a serviço da manutenção da ilusão de que a castração pode ser contornada e não faz sofrer (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1991; MCDOUGALL, 1978/1989).

Frente às considerações que tecemos acerca do objeto-fetich e da problemática da ilusão no contexto do fetichismo, passaremos a tratar, de agora em diante, da questão da ilusão em Winnicott, do objeto e dos fenômenos transicionais como forma de prepararmos o solo para nossa contraposição entre objeto-fetich e objeto transicional.

Brincar de contextualizar Winnicott

Antes de qualquer possibilidade de trabalho acerca do que seria o conceito de objeto transicional, é preciso compreender o que antecede o reconhecimento de um eu. Não apenas em Winnicott, mas também em Balint e Ferenczi, a importância dos aspectos primários e mais arcaicos se apresenta de maneira imperativa, rompendo com um olhar hegemônico da subjetivação que privilegiava o complexo de Édipo. Com isso queremos sublinhar a incontornável valia das primeiras relações objetais e, de maneira mais radical, daquilo que poderia ser chamado relação mãe-bebê, frisando que, por mais que esta seja denominada "relação", trata-se de uma indissociação mãe-bebê.

Um, no contexto mãe-bebê, descreve uma situação inscrita na temporalidade da subjetivação em que mãe e bebê são Um. Não haveria diferenciação entre eles, e esta, apesar de poder ser discriminada por um observador externo como já dada, visto que são dois corpos diferentes, não é tão objetiva assim quando estamos no mundo interno de mãe-bebê. Ou seja, trata-se, no registro em questão, de um nível de indistinção no qual importa a Winnicott a ordem fenomenológica e, em alguma medida, existencial. Fenomenológica pois prevalece a questão do *como*, dirigida aos fenômenos não enquanto dados objetivos, mas enquanto aquilo que está escondido e é capaz de expressar o sentido e o fundamento daquilo que se manifesta (ABBAGNANO, 2000). Por essa via se encontra, também, o foco na investigação da relação sujeito-objeto, muito presente na obra winnicottiana. Existencial porque o interesse de Winnicott se encontra no espaço e no tempo, do nascimento à morte, o devir e a vida em gerúndio como vida saudável possibilitada pela criação que abre caminho para a experiência e para o gosto pelo viver através de uma criação multiplicante de sentidos.

Uma preocupação do paradigma winnicottiano é com o continuar-a-ser, com o poder acontecer no tempo e em sua finitude, visto que a integração do *self* pode ser interrompida pelas agonias e angústias impensáveis – o que corresponderia à impossibilidade de consolidação do mesmo e, consequentemente, comprometeria o amadurecimento enquanto continuidade do existir (SANTOS, 2007). E nesse sentido, os objetos e os fenômenos transicionais fariam parte de uma potencialidade criativa – sinônimo de saúde em Winnicott – e de um novo começo da vida para a diferenciação. Dentro do escopo dos fenômenos transicionais, Winnicott propõe que sua pesquisa abra espaço para diversos elementos importantes para além da natureza do objeto, tais como: “(...) 2. A capacidade do bebê de reconhecer o objeto como ‘não-eu’. 3. A localização do objeto – fora, dentro, na fronteira. 4. A capacidade do bebê de criar, imaginar, inventar, originar, produzir um objeto. 5. O início de um tipo afetivo de relação de objeto” (WINNICOTT, 1971/1975, p. 14).

É notável a preocupação de Winnicott com a questão espacial e sua implicação nos processos lúdicos do criar, do imaginar e dos tipos de qualidade de relação objetal, fazendo a ênfase recair sobre o *uso* que se faz do objeto. Portanto, quando tratamos de fenômenos transicionais, estamos lidando com a espacialidade do *entre*; ou seja, Winnicott (1971/1975, p. 14) usa “(...) os termos ‘objetos transicionais’ e ‘fenômenos transicionais’ para designar a área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto (...)”. No entremeio do autoerotismo e dos objetos concretos do mundo externo, na meiuca entre o autoerotismo e a relação com a alteridade, residem os fenômenos transicionais e seus objetos. Inserem-se nesse espaço intermediário potencial, “(...) o uso que é dado a objetos que não fazem parte do corpo do bebê, embora ainda não sejam plenamente reconhecidos como pertencentes à realidade externa” (WINNICOTT, 1971/1975, p. 14). Chama atenção, nos fenômenos e objetos transicionais, esse “nem um nem outro” que de isento não tem nada, mas, isto sim, carrega consigo a reivindicação de um verdadeiro paradoxo.

Objeto transicional e o papel da ilusão

Interno e externo, quando se trata de Winnicott, não se encerram em si. Winnicott (1971/1975) estava mais interessado em ampliar a questão para um terceiro ponto, que constitui uma área intermediária de *experimentação* e contribui em igual medida tanto para a realidade interna quanto para a exter-

na, apesar de preceder o teste de realidade. Como se, neste instante do desenvolvimento infantil, estivesse um tempo mítico do começo em que se oporia, em outro momento, o dentro e o fora, a realidade interna e a realidade externa (BIRMAN, 2008). O novo território descrito por Winnicott se faz ouvido pelo conceito *transicional*, este espaço é caracterizado pela presença de *objetos* também transicionais como matriz da experiência cultural (BIRMAN, 2008).

Esse terceiro conjunto, pensado por Winnicott, estaria inscrito entre a inabilidade e a habilidade do bebê de reconhecer e aceitar a realidade, o que compõe a *ilusão*; isto é, sua substância (WINNICOTT, 1971/1975). A ilusão e seu conteúdo aparecem como componentes normais da vida infantil, adulta e cultural e, enquanto participante dessa zona intermediária, a ilusão surge entre o que é subjetivo e o que é percebido objetivamente. Se a ilusão se encontra entre esses conjuntos, não é enquanto acepção alienante, como ordinariamente se poderia pensar, mas, muito pelo contrário, a ilusão seria um elemento agenciador da criatividade e provocaria uma abertura possível para uma vida além da esterilidade e para a manutenção do sentimento de continuar existindo – a importância da ilusão em Winnicott ficará mais clara adiante.

No decorrer do desenvolvimento do bebê, mais cedo ou mais tarde ele exercerá a tendência de manusear objetos que não sejam seu próprio corpo autoerótico, procurando elementos que componham seu espaço para interagir com eles. Nessa procura, interessam ao bebê objetos que carreguem características propícias para que, em sua troca com o objeto, ele se sinta acariciado, nutrido sensorial e excitatoriamente. Sobre isto, Winnicott (1971/1975) fornece exemplos que complexificam a experiência autoerótica oral, como o uso de um objeto externo – tal qual um edredom, um babador, fiapos de algodão ou de lã da roupa – em direção à boca numa atividade acariciante. Não é indiferente que tais objetos sejam costumeiramente utilizados pelos cuidadores nos cuidados do bebê e podem ser usados por ele, como relata Winnicott (1971/1975, p. 17) “(...) no momento de ir dormir, constituindo uma defesa contra a ansiedade, especialmente a ansiedade de tipo depressivo” ou mesmo contra a solidão. O objeto transicional, então, carrega, até certo ponto, uma função amparadora, ou melhor, ele é um “acalmador”.

Visto que o objeto transicional possui um efeito acalmador, pode-se tirar disso que ele proporciona uma sensação de satisfação tal qual a da mamada (FREUD, 1905/2016; WINNICOTT, 1971/1975). Assim, “É verdade que a ponta do cobertor (ou o que quer que seja) é simbólica de algum objeto parcial, tal como o seio. No entanto, o importante não é tanto seu valor simbólico, mas sua realidade” (WINNICOTT, 1971/1975, p. 19). A aparição e o emprego

do simbolismo já atestam a distinção entre fantasia e fato; objeto interno e objeto externo; criatividade primária e percepção (WINNICOTT, 1971/1975). Sobre a origem do objeto transicional, “(...) Winnicott afirma que o seu interesse não reside simplesmente no fato de ocupar o lugar de um objeto (mãe, seio) sem ser esse objeto real, corporal, *mas sobretudo por ser um objeto-coisa, cujo significado a criança inventou sozinha*” (MCDUGALL, 1978/1989, p. 72, grifo da autora).

O objeto transicional inaugura a possibilidade de abertura para o campo alteritário, para a aceitação da diferença assim como da similaridade. Nesta relação, aponta Winnicott (1971/1975, p. 23) que “(...) o bebê passa do controle onipotente (mágico) para o controle pela manipulação (envolvendo o erotismo muscular e o prazer de coordenação)”. Tais características do objeto transicional, como a de objeto parcial e envolvido no controle via musculatura, guardam relação com o erotismo anal e seu elemento de dominação, assim como – e isto é de grande valia para o nosso trabalho –, o possível destino do objeto transicional como transformado em objeto de fetiche, persistindo como uma característica da vida sexual do adulto (FREUD, 1905/2016; WINNICOTT, 1971/1975).

É lícito afirmar que “O objeto transicional *não é um objeto interno* (que é um conceito mental) – é uma possessão. Tampouco é (para o bebê) um objeto externo.” (WINNICOTT, 1971/1975, p. 24, grifo do autor). O objeto transicional “(...) é a primeira possessão do infante de algo que diz respeito ao *não-eu* (...) seriam da ordem da *experiência*, isto é, de alguma coisa que deve ser manuseada e experimentada, para que possa ser efetivamente sentida em sua materialidade, consistência e textura” (BIRMAN, 2008, p. 15). Seu uso conferiria ao bebê, de maneira gradual e progressiva, a sensação de algo estável, constante e que existe, possibilitando ao bebê uma área de experiência em que ele não seja entregue à passividade, mas possa, isto sim, de maneira ativa, interagir, construir os elementos de sua realidade e dar forma ao seu corpo pela ação contínua exercida sobre o objeto (BIRMAN, 2008; WINNICOTT, 1971/1975). É apontado por Greenacre (1969) que o objeto transicional absorve a negligência e até mesmo certos tipos de abuso, assim como as figuras amadas mais próximas do bebê, respondendo de maneira sensível às necessidades do bebê, o que possibilita uma melhor aceitação do sentimento de estranheza e de solidão.

A vertente existencialista do tema versa sobre o objeto e o bebê, devido à relação com o objeto, este enquanto produto de uma criação atual, que não tem sua existência explicada em si mesmo ou de maneira autônoma. No que

toca o bebê, a experiência na transicionalidade, através do engendramento criativo do objeto, de sua pregnância e densidade, é a condição de possibilidade para que uma potência de ser seja instaurada, isto é, ter a certeza efetiva de ser e estar vivendo (BIRMAN, 2008). Enquanto possessão, o objeto transicional depende do objeto interno vivo, real e suficientemente bom; todavia, este, por sua vez, entra em relação de dependência com os qualitativos e a vitalidade justamente do objeto externo (WINNICOTT, 1971/1975). A inadequação do objeto externo faz com que o objeto interno perca sentido para o bebê e então somente após isso é que o objeto transicional também passa a ficar sem sentido, pois "O objeto transicional pode, portanto, representar o seio 'externo', mas *indiretamente*, por ser representante de um seio 'interno'" (WINNICOTT, 1971/1975, p. 24). A processualidade objetual agora descrita compreende os fenômenos da ilusão-desilusão e os cuidados parentais "suficientemente bons".

O decorrer desses fenômenos objetais passa, antes de tudo, por identificações ainda muito primárias que dependem massivamente da existência de uma maternagem suficientemente boa (WINNICOTT, 1971/1975). Esta, nas palavras de Winnicott (1971/1975, p. 25), "(...) é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui gradativamente, segundo a crescente capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração". Participando de um simbolismo, o objeto transicional pode vir a representar a mais ideal das mães de que se pode pensar, constantemente disponível, intuitiva, *quase* oniscientemente atenta às necessidades do bebê, só que, de certa forma, nenhuma mãe poderia ser tão boa assim; apesar disso, o objeto transicional se basearia nesse modelo materno (GREENACRE, 1969). Os cuidados demandam uma adaptação ativa por parte da figura materna; exigem preocupação e devoção sem ressentimentos, que passa de uma adaptação quase completa às necessidades do bebê para, com o decorrer do tempo e de modo gradativo, ir se adaptando cada vez menos completamente, sempre acompanhando a exponencial capacidade do bebê de lidar com o fracasso materno (WINNICOTT, 1971/1975).

Do lado do bebê, diversos recursos serão lançados para manejar esses "fracassos" maternos, como, por exemplo, o fantasiar e o recordar; o emprego do autoerotismo; a percepção, via experiência, de que a frustração tem um começo e um fim bem definidos, integrando passado, presente e futuro. Se tudo correr suficientemente bem, o bebê não será lançado ao sentimento de desamparo abissal do estado de não integração, de perder o sentimento de estar existindo ou até mesmo de colapsar sua ainda frágil unidade psíquica (WINNICOTT, 1974, 1971/1975). Apesar do potencial catastrófico pressupos-

to na má adaptação, sua função suficientemente boa rende dividendos ao bebê ao abrir caminho para tornar os objetos reais, ou seja, tão odiados quanto amados (WINNICOTT, 1971/1975). É interessante, nesse contexto, o papel do excesso de cuidados que não oferecem espaço para a mínima frustração, pois “(...) a adaptação exata se assemelha à magia, e o objeto que se comporta perfeitamente não se torna melhor do que uma alucinação” (WINNICOTT, 1971/1975, p. 25). Destarte, a adaptação precisa ser sempre *quase exata*, e não se dando assim, o bebê corre o risco de não começar a viver de maneira saudável e criativa e de não solidificar uma boa relação com a realidade externa.

Portanto, no início de tudo, a figura de cuidado propicia ao bebê a oportunidade para a *ilusão* de que seus cuidados e o seio são parte de seu controle mágico (WINNICOTT, 1971/1975). O estado de onipotência é quase um fato, o bebê demanda e, devido à sua capacidade de inteligibilidade, ao receber o cuidado ou o seio, sente como se o tivesse criado magicamente. Segundo Winnicott (1971/1975),

(...) o seio é criado pelo bebê repetidas vezes, pela capacidade que tem de amar ou (...) pela necessidade. Desenvolve-se nele um fenômeno subjetivo, que chamamos de seio da mãe. A mãe coloca o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato. (WINNICOTT, 1971/1975, p. 26).

Aqui, cabe à figura materna ensejar um processo de desilusão gradativa. Relata Winnicott (1971/1975) que desde o nascimento o ser humano se encontra de frente com a questão da relação entre o que é objetivamente *percebido* e aquilo que é subjetivamente *concebido*. Logo, os fenômenos transicionais são os representantes das primeiras etapas do uso da ilusão e a área intermediária de experimentação, que participa dos fenômenos transicionais “(...) é a área que é concedida ao bebê, entre a criatividade primária e a percepção objetiva baseada no teste de realidade” (WINNICOTT, 1971/1975, p. 26).

A ilusão do bebê presume a sua capacidade de conceber algo que atenda à sua necessidade e reduza sua tensão, mas, de início, o bebê não sabe o que seria esse “algo”, ficando a cargo então da figura materna, através dos repetidos cuidados e de sua frequência quase total, fornecer ao bebê esse objeto. Partindo disso, “A adaptação da mãe às necessidades do bebê, quando suficientemente boa, dá a este a *ilusão* de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar” (WINNICOTT, 1971/1975, p. 27). Sobrepondo-se aí a capacidade do bebê de criar e a nutrição advinda dos cuidados, pois o bebê percebe o seio só e exatamente no instante e ali onde ele poderia ser cria-

do, mesmo que o seio criado e recebido seja psiquicamente parte dele e, para a figura materna, ela nutre um bebê que é parte dela mesma (WINNICOTT, 1971/1975). É durante o processo de desilusão, portanto, que o objeto transicional vai sendo desinvestido, e passa a dar lugar aos componentes culturais, podendo ocorrer, antes do abandono do objeto transicional, um certo uso exagerado do objeto enquanto expressão de uma negação contra sua perda de sentido.

Neste íterim, cabem algumas considerações de Winnicott direcionadas especificamente ao objeto transicional e ao objeto-fetiche, apontadas pelo autor a partir do artigo de M. Wulff, *Fetishism and object choice in early childhood* (1946) e do caso clínico do menino do cordão. Os comentários de Winnicott sobre a questão, poucos que sejam, nos dão uma dimensão dos encontros e desencontros que haveria entre os *objetos* tema deste artigo. No caso do menino do cordão, o objeto transicional que veio a ser fetichizado, era literal e simbolicamente – e aí encontra-se um paradoxo próprio ao pensamento winnicottiano – uma forma de vínculo e de ligação dos objetos do mundo entre eles e com a criança e entre filho e mãe que permitia estabelecer um tipo específico de contato com o mundo e com a intersubjetividade.

Winnicott (1971/1975) ressalta a importância do papel da identificação – primária e, portanto, especular – com a figura materna e a função do uso do cordão, que, enquanto transicional, servia de comunicação e, enquanto fetiche, seria um instrumento para a *negação da separação*, tornado coisa em si; algo que possui atributos próprios e necessidades que precisam ser dominadas (WINNICOTT, 1971/1975). A questão da dependência e da necessidade é firmada por Winnicott (1971/1975) e nos leva a pensar que, para além da transformação em objeto-fetiche, os percalços envolvendo o objeto transicional poderiam guardar, questionamos, junto de Winnicott, uma possibilidade de adicção a partir da ideia de perversão da pulsão e patologia dos objetos transicionais (GURFINKEL, 2007).

Levando em consideração as linhas que desenvolvemos até o momento, gostaríamos de proferir algumas considerações relativas à ilusão em Freud e em Winnicott como uma forma de nos prepararmos para o próximo tópico e onde queremos chegar neste trajeto. Enquanto em Freud a ilusão serve ao desejo, em Winnicott, a ilusão ainda nem pode ser considerada a nível de desejo, pois o que rege o enredo winnicottiano da ilusão, ou seja, a relação primária, diz respeito à necessidade e à dependência absoluta.

Mesmo que ambas as noções se refiram ao tratamento da realidade, não seria possível realizar uma aproximação íntima entre as duas, principalmente

devido aos registros em que estão inscritas. Se o sujeito da ilusão freudiana leva suas crenças a este ponto é porque ele revive a situação de desamparo e a certeza da morte, e, para não ser engolido pela angústia, lança mão de artifícios simbólicos com esse fim. No que lhe toca, Winnicott está tratando justamente do momento em que o ainda bebê é lançado ao desamparo, ou seja, relata uma época primeva demais em que nem mesmo poderíamos tecer de maneira categórica algum comentário relativo ao princípio do prazer e ao princípio de realidade. Nela, lidamos primeiramente com um sobreviver bem, que, em outras linhas, significa ser bem nutrido de cuidado, amor e alimentação para, então, e só então, abrir e ser possível viver de maneira criativa, saudável e, no final das contas, bem. Ademais, a ilusão freudiana perpassa muito mais a questão do narcisismo como já constituído e a do complexo de Édipo, fatores que, como alerta Leopoldo Fulgencio (2016), por mais que Winnicott tenha dado relevância [ao registro edipiano], este não é suficiente para dar conta da subjetividade e nem tudo pode ser enquadrado no registro edípico.

Uma questão objetual: objeto transicional x objeto-fetiche

Abrindo as convergências e dissonâncias entre objeto transicional e fetiche, foi notado por Celeri *et al.* (2008) que apesar de Winnicott ter comentado e ter feito menção aos estudos de Mosche Wulff (1946) na primeira versão de *Objetos transicionais e fenômenos transicionais* (1951), não demorou até que Winnicott passasse a discordar das propostas de Wulff, o que levou ao desaparecimento das citações do autor de Tel-Aviv em futuras edições do artigo de 1951. Segundo Pontalis (1975), isto se deve à mudança de foco que Winnicott procurou dar, privilegiando a noção de área potencial dos fenômenos transicionais em detrimento de uma atenção maior para a questão do objeto transicional. Ao analisarmos os fenômenos transicionais em Winnicott e o assim chamado objeto-fetice de Wulff, é lícito pontuar que apesar de ambos os autores estarem preocupados com o período originário e infantil, as descrições e conclusões teórico-clínicas de Wulff pecam em configurar o objeto de uso de bebês e crianças, suas primeiras possessões, enquanto partes do fetichismo.

À época de Wulff (1946) ainda não havia a formulação dos fenômenos transicionais e seus objetos enquanto operadores psicanalíticos. O autor recorre à obra freudiana para embasar sua pesquisa, porém, no interior desse intento, Wulff aproveita o fetichismo – naquele momento a mais recente contribuição

de Freud sobre o campo objetal e seu uso – para dar base à sua investigação. Wulff (1946) parece igualar o uso e o efeito calmante e apaziguador do objeto que ele convencionou em chamar de “fetiche” e o objeto-fetiche propriamente dito tal qual em Freud, que, por sua vez, é um objeto excitatório, orgástico e antissocial. Por mais que houvesse uma semente profícua na intenção de Wulff (1946), em especial quando o autor pontua que o objeto que descreve é promotor de satisfação, calma e de uma restauração da alegria junto ao corpo e ao seio materno, os meandros e a finalização de sua escrita caminharam para uma definição incongruente e errônea do objeto-fetiche freudiano e de seu uso, assim como da categorização da psicopatologia fetichista – frisando aqui uma diagnóstica do originário e do infantil.

Claro está que o objeto transicional é definido como uma possessão, e em particular, a primeira possessão não-eu do bebê (WINNICOTT, 1971/1975). Seu uso é exercido como uma forma do bebê de estabelecer noções básicas de dentro e fora, alteridade e até mesmo similaridade. Mesmo que inscrito em uma ilusão, o objeto transicional, enquanto representante simbólico inscrito no território transicional da experimentação, possibilita ao bebê um relacionamento com seu ambiente calcado na vivência criativa. Todo esse arcabouço se encontra ligado ao desenvolvimento e ao processo de maturação dos bebês no geral e, portanto, enquanto salutar, está indissociado do devir infantil.

Para além da percepção da realidade, o bebê encontra no uso do objeto transicional uma forma de se acalmar diante da ausência das figuras de cuidado, o que lhe permite sustentar a frustração de forma que ela não venha a ser sentida como desesperadora e catastrófica. O uso é um aspecto crucial para uma contraposição radical entre objeto transicional e objeto-fetiche, visto que, como mostram Celeri *et al.* (2008), o objeto-fetiche não possui função apaziguadora, como o objeto transicional, mas, isto sim, serve à excitação e à busca pela descarga libidinal. Greenacre (1969, p. 144, tradução nossa) sustenta que “O objeto transicional e o fetiche se assemelham em certos aspectos formais: ambos são objetos inanimados escolhidos e utilizados pelo indivíduo para auxiliar e manter um balanço psicofísico sob condições de maior ou menor tensão”. O ponto em que o objeto transicional viria a ser transformado em fetiche se deve ao prolongamento de seu uso (GREENACRE, 1969; WINNICOTT, 1971/1975); defendemos que não só esta proposta está em jogo, mas nela se encontra, poderíamos dizer, uma perversão do objeto transicional na qual suas funções e seu uso seriam desviados. Quanto a isto, levantamos a hipótese, partindo de Winnicott (1971/1975) e Greenacre (1953, 1969), de que, devido às contingências, à dinâmica familiar e psíquica da criança em desenvolvimento,

à regressão e a toda uma rede de sobredeterminação ambiental e inconsciente, o objeto transicional poderia vir a ser pervertido em seu uso e em seu fim, transformando-se então em objeto-fetichê. Mas por quê? E, se enfatizamos o uso, para quê?

O que poderíamos chamar de angústia ou ansiedade, acompanhando Winnicott, está no terreno da separação; ou seja, há algo primordialmente primário de dependência e necessidade de devoção dos que cuidam do bebê, em especial a figura materna. Este é um ponto que denuncia de forma evidente a diferença de problemáticas entre objeto transicional e objeto-fetichê – no contexto da hegemonia das produções psicanalíticas de Freud a boa parte de pós-freudianos –, pois o fetiche, no que lhe concerne, estaria atrelado à angústia de castração, à ameaça e à salvaguarda narcísica, eixos ainda impossíveis de serem atrelados ao registro primário e à vivência do bebê que, longe de um ego bem formado e de um segundo tempo do narcisismo, ainda se encontra indissociado da figura materna. Quanto à questão materna neste contexto, o objeto transicional não é de modo algum um objeto perverso, porém, ambos se situam no nível da construção simbólica e da relação que ambos possuem com a figura materna (MCDUGALL, 1978/1989). No caso do fetichismo e seu objeto, haveria uma identificação especular entre mãe e filho que compareceria na angústia de castração, da forma que, se a figura materna não possui ou “perdeu” seu pênis, a criança, siderada nesse modelo de identificação, assumiria que também corre o risco de ser mutilada.

Apesar de incidirem sobre registros diferentes e mesmo que de formas diferentes, é verossímil a influência que ambos os objetos têm no tratamento da realidade e na formação da imagem corporal (GREENACRE, 1953, 1969). A consistência, a solidez e a superfície do objeto transicional, “(...) provavelmente funcionaria como necessidade de definir a superfície do corpo em vez de borrá-la” (GREENACRE, 1969, p. 146, tradução nossa). Enquanto o objeto transicional esquentava os motores para a consolidação do corpo, inscrito em uma unidade equiparada ao ego, o objeto-fetichê, por sua vez, denunciaria uma precariedade de corporificação, constantemente às voltas com o risco de sucumbir narcísica e fisicamente (FERRAZ, 2010; GREENACRE, 1953). “É interessante (...) a demanda do fetichista pela indestrutibilidade do fetiche. Nela, seu caráter distinto e a dependência da forma do fetiche dão uma garantia sobre a confiabilidade deste suplemento para preencher uma sensação de falta na imagem corporal” (GREENACRE, 1969, p. 146, tradução nossa).

Todavia, nos parece crucial a importância do aspecto primário à formação da organização fetichista e à criação do objeto-fetichê. Se o objeto transicional

é arremessado, agredido e vilipendiado, é porque nessas ações se encontra um teste da pregnância do objeto e o que está por detrás dele. Apesar de o objeto-fetichismo poder sofrer com os destinos de seu uso, ele não o é com este propósito, mas sim como instrumento gozoso que, no fundo, não deve sofrer muitos acintes e variações pelo fato de servir também como estabilizador narcísico. De forma mais contundente, a consideração do fetichista por seu objeto poderia ser lida como algo sem o qual não se vive, escancarando uma relação potencialmente dependente, fixa e permanente. Este elemento ratifica ainda mais a discrepância entre os objetos e, ao mesmo tempo, consolida a consonância e relação que ambos têm com o registro primário, pois, como temos salientado a partir de D. Winnicott (1971/1975), o destino do objeto transicional é o limbo, o esquecimento e a descategorização do objeto rumo à maturação e, segundo Greenacre (1969, p. 145, tradução nossa) "É um auxílio, no início da individuação, na separação do infante da mãe", fazendo do objeto transicional um preenchedor desse papel. E assim, cabe a colocação de Freud de que o objeto-fetichismo guarda íntimo enlace com o objeto primordial (FREUD, 1905/2016).

Sobre o tema, acompanhamos J. McDougall (1978/1989) quando esta compara e distingue o objeto transicional do objeto-fetichismo. Segundo McDougall (1978/1989), na perversão haveria uma "falha primitiva" composta por uma base fendida anterior ao complexo de Édipo e o dado da diferença sexual, na qual "a falha primitiva está relacionada com a ausência primordial da mãe, no ponto exato onde se inaugura a alteridade e se origina a capacidade de 'simbolizar' a ausência e *criar as primeiras ilusões* para mobiliar o espaço psíquico deixado pela ausência do Outro..." (MCDOUGALL, 1978/1989, p. 72). É o que Winnicott, em *Objetos transicionais e fenômenos transicionais* (1951) designa como atividade criadora primária, a matéria bruta que será lapidada em ilusão e realidade psíquica (MCDOUGALL, 1978/1989). Tanto o objeto transicional quanto o objeto-fetichismo representam um objeto real que se configura como uma criação do sujeito, e assim como a primeira posse não-eu do bebê, o objeto-fetichismo ou um parceiro que, reificado, é tomado não como sujeito inteiro e portador de uma individuação, mas como objeto-coisa em si. "Ora, o objeto transicional faz parte de uma etapa normal do desenvolvimento infantil, ao passo que o objeto fetichismo é testemunha de uma *falha* na capacidade de simbolizar a verdade sexual e a renúncia à onipotência que isso exige" (MCDOUGALL, 1978/1989, p. 73).

Concluindo

Diante do exposto, pudemos expor e perceber diferenças fundamentais entre ambos os objetos deste trabalho. A começar pela presença em cada registro, que formaliza uma certa pregnância no registro originário ligada ao objeto transicional e o secundário/edipiano ao objeto-fetiche. Contudo, em Freud (1905/2016, 1914/2010, 1927/2014a) podemos rastrear e, conseqüentemente, notar e levantar hipóteses de que o fetichismo e seu objeto guardam íntima relação com o momento originário da vida, a transmissão, formação e identificação com os ideais parentais – sublinhando a figura materna – e seus enlaces com o desenvolvimento psicosssexual e as formas de construção narcísica. Nesse sentido, seria justo apontar a influência considerável do momento originário da vida no processo de organização psíquica fetichista. Em comparação ao objeto transicional, este incide única e exclusivamente no registro originário, enquanto o objeto-fetiche dá a largada nesse registro, mas só depois de um recobrimento edipiano passa a configurar como tal. As contribuições de Winnicott e de outros autores pós-freudianos, pensamos, vêm ao nosso auxílio na tentativa de explorar as implicações que a relação mãe-bebê e o momento originário da vida têm para que se leve em consideração novas vias teóricas e clínicas à temática da perversão sexual e, aqui especificamente, do fetichismo.

Conforme salientamos ao longo deste artigo, a questão do uso faz toda a diferença quando, em especial, correlacionada com a diferença e a passagem pelos registros pré-edipiano e edipiano propriamente dito. O uso enquanto elemento operador de contrastes entre esses dois objetos, aqui, pode incidir sobre a possibilidade de uma perversão do objeto transicional em objeto-fetiche. Com isso, faz-se necessária uma investigação das particularidades do nível originário como fundação primeira da problemática fetichista, uma via de expansão focal sobre essa categoria tal qual uma escavação arqueológica e um procedimento pictórico em que, na primeira, pincela-se para fazer aparecerem as pinturas rupestres sob a poeira do tempo; na segunda, acompanha-se o preenchimento de uma tela desde a sua primeira camada, passando pelos seus recobrimentos edipianos e *a posteriori* até o que repousa como figura e fundo em uma superfície, tornando inteligíveis os processos e tonalidades desse percurso investigativo.

Os caminhos abertos e as clareiras encontradas neste artigo nos instigam em direção ao registro primário e à problemática narcísico-identitária, elementos que consideramos de suma importância para pensarmos a questão do objeto-fetiche e do fetichismo para além do complexo de Édipo e do complexo

de castração, que, vale sublinhar, comparecem no fetichismo e em seu objeto, porém, constituindo já uma nova camada, um *recobrimento* da tela narcísico-primária. Esse rumo pode ser lido enquanto uma crítica às produções acerca do objeto-fetice, que teve e ainda tem no Édipo e na castração, seus maiores desenvolvimentos teóricos e clínicos na história da psicanálise.

Tramitação

Recebido 11/01/2024

Aprovado 03/04/2024

Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ASSOUN, P-L. *El fetichismo*. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Nueva Visión SAIC, 1995.
- AULAGNIER-SPAIRANI, P. (1967). A perversão como estrutura. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, ano VI, p. 43-69, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/Byqm5K559pfn9pBHZJCWsWQ/abstract/?lang=pt&format=html>>. Acesso em: 01 jul. 2021.
- BIRMAN, J. Criatividade e sublimação em psicanálise. *Psicologia clínica*, v. 20, p. 11-26, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pc/a/tJ5yh3qsRzF4g8sVKDHshKB/?lang=pt>>. Acesso em: 16 fev. 2022.
- BLEICHMAR, H. *Introdução ao estudo das perversões: teoria do Édipo em Freud e Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- CELERI, E. H. R. V. *et al.* Paradoxo, objeto transicional e fetiche. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 42, n. 1, p. 60-73, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000100007>. Acesso em: 14 jun. 2022.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. Ética e estética da perversão. Tradução de Vera Jacques. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FERRAZ, F.C. *Tempo e ato na perversão*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obras completas, 6).

_____. (1908). Sobre as teorias sexuais infantis. In: _____. *O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. (Obras completas, 8).

_____. (1914). Introdução ao narcisismo. In: _____. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 12).

_____. (1915). O inconsciente. In: _____. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 12).

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: _____. *História de uma neurose infantil: ("o homem dos lobos")*: Além do princípio do prazer e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 14).

_____. (1927). O fetichismo. In: _____. *Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014a. (Obras completas, 17).

_____. (1927). O futuro de uma ilusão. In: _____. *Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014b. (Obras completas, 17).

_____. (1940[1938]). A cisão do eu no processo de defesa. In: _____. *Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. (Obras completas, 19).

FULGENCIO, L. *Por que Winnicott?* São Paulo: Zagodoni, 2016.

GARCIA, C. A. O conceito de ilusão em psicanálise: estado ideal ou espaço potencial? *Estudos de Psicologia*, Natal, RN, v. 12, p. 169-175, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/epsic/a/ssh4BsJcGsmQVqdqLnTSKXS/?lang=pt&format=html>>. Acesso em: 14 jun. 2022.

GREENACRE, P. Certain relationships between fetishism and faulty development of the body image. *The Psychoanalytic Study of the Child*, v. 8, n. 1, p. 79-98, 1953. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00797308.1953.11822762?journalCode=upsc20>>. Acesso em: 14 jun. 2022.

_____. The fetish and the transitional object. *The Psychoanalytic Study of the Child*, v. 24, n. 1, p. 144-164, 1969. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00797308.1969.11822690?journalCode=upsc20>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

GRUNBERGER, B. Essai sur le fétichisme. *Revue française de psychanalyse*, v. 40, n. 2, p. 235-264, 1976.

GURFINKEL, D. Adicções: da perversão da pulsão à patologia dos objetos transicionais. *Psychê*, v. 11, n. 20, p. 13-28, 2007. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/307/30716918002.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2022.

MANNONI, O. *Clefs pour l'imaginaire ou l'autre scène*. Paris: Seuil, 1969.

McDOUGALL, J. (1978). *Em defesa de uma certa anormalidade*. Tradução de Carlos Eduardo Reis. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PONTALIS, J. B. Trouver, accueillir, reconnaître l'absent. In: _____. *D. W. Winnicott: Jeu et réalité*. Paris: Gallimard, 1975.

SANTOS, E. S. Winnicott e Heidegger: indicações para um estudo sobre a teoria do amadurecimento pessoal e a acontecimento humana. *Natureza humana*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 29-49, jun. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302007000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 dez. 2022.

SCHLACHTER, L.; BEIVIDAS, W. Recalque, rejeição, denegação: modulações subjetivas do querer, do crer e do saber. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 13, n. 2, p. 207-227, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/PqcbLtKchgfVpgHxndPdTmt/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 01 jun. 2022.

WINNICOTT, D. W. Fear of breakdown. *International review of psycho-analysis*, v. 1, p. 103-107, 1974. Disponível em: <<https://tcf-website-media-library.s3.eu-west-2.amazonaws.com/wp-content/uploads/2021/09/17155345/Winnicott-D.-1974.-Fear-of-Breakdown.-International-Review-of-Psycho-Analysis.-11.-pp.103-107.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2022.

_____. (1971). *O brincar e a realidade*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

WULFE, M. Fetishism and Object Choice in Early Childhood. *The Psychoanalytic Quarterly*, 15:4, p. 450-471, 1946. Disponível em: <DOI: 10.1080/21674086.1946.11925654>. Acesso em: 07 jul. 2022.